
SIMULAÇÃO DE UM SPEED DATING COMO TÉCNICA DE CONVERSAÇÃO EM TURMAS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Flávia Rodrigues de Souza¹

Idalena Oliveira Chaves²

Apresentação

A área de estudos sobre o ensino e aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE) no Brasil é ainda bastante incipiente. E, apesar de grande parte dos estudos disponíveis versar sobre materiais didáticos, cultura parece ser ainda um assunto pouco trabalhado em materiais didáticos e salas de aula e, quando abordados, os aspectos culturais são muitas vezes apresentados de forma estereotipada (FURTUOSO, 2001). É fundamental, portanto, ao professor de PLE observar a língua como prática cultural, de modo a criar situações espaços de interação em que língua e cultura dialoguem harmoniosamente (MENDES, 2014).

A simulação de situações cotidianas em sala de aula como incentivo à conversação é importante no ensino de línguas estrangeiras (ALMEIDA FILHO, 2011), especialmente em turmas multiculturais ou com diferentes níveis de proficiência. Heterogeneidade e diversidade cultural são, no entanto, características intrínsecas a turmas de PLE no Brasil (NÓBREGA, 2014, p.69) e, considerando essas características e o contexto de imersão linguística e cultural, desenvolveu-se uma atividade para prática de conversação inspirada em eventos para encontros rápidos, conhecidos em outros países como speed datings.

A origem do *speed dating* é atribuída ao Rabino Yaacov Deyo de Aish HaTorah, que o criou como uma maneira de ajudar os solteiros judeus a se encontrar e casar (SHEM, 2014). Atualmente, esse termo é usado genericamente para se referir a eventos semelhantes, realizados inclusive no espaço da Internet.

Comuns nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, os *speed datings* têm se espalhado rapidamente pelo mundo, podendo ser algo familiar para alguns estrangeiros matriculados nas

¹Licenciada em Letras, Universidade Federal de Viçosa – UFV - acasadaflavia@gmail.com

²Professora e pesquisadora, Universidade Federal de Viçosa – UFV - idalena@ufv.br



turmas de PLE. As regras, como tempo de interação e idade dos participantes, e as configurações dos encontros variam conforme a organização do evento e o público-alvo (SANTOS, 2016).

Caracterização da escola e da turma

A atividade foi aplicada em dois semestres letivos (2016-2 e 2017-1) em turmas regulares da disciplina LET 204 – Língua Portuguesa para Estudantes Estrangeiros da Universidade Federal de Viçosa (UFV). As turmas são compostas por, no máximo, 20 estudantes intercambistas, vindos de países diversos, matriculados em diferentes cursos de graduação da UFV e em diferentes níveis de proficiência em Língua Portuguesa, tendo como características marcantes, portanto, a heterogeneidade e a multiculturalidade.

As aulas, com duração de 1 hora e 30 minutos, são ministradas duas vezes por semana, totalizando 3 horas semanais e 60 horas-aula no semestre. Na primeira aplicação, participaram da atividade 17 alunos e, na segunda, 8 alunos. A atividade foi aplicada na segunda semana de aula (terceiro encontro), ou seja, depois que os alunos tiveram contato com alguns tópicos do curso, como cumprimentos, profissões, números, entre outros conteúdos abordados nos primeiros encontros para iniciantes.

Fundamentação teórica

Estudos sobre aprendizagem de línguas estrangeiras comprovam a importância de se trabalhar as quatro competências linguísticas, não negligenciando a habilidade de “falar”, normalmente a que causa maior desconforto e que mais eleva os níveis de ansiedade em aprendizes (ZHENG, 2008; BARCELOS, 2003). É consenso, no entanto, que aprendizes passam a se sentir muito mais confiantes e motivados quando conseguem se expressar oralmente na língua-alvo. Assim, criar ambientes de interação em que falar na língua-alvo seja uma prática normal e confortável para os aprendizes é fundamental no ensino de línguas estrangeiras.

Conforme descrevem Lightbown & Spada (1993, p.168-169), quando aprendizes interagem livremente, em atividades em grupos ou em pares, aprendem com seus erros e com os erros dos colegas e podem se sentir muito mais à vontade para falar. Esses autores apontam ainda que aprendizes em mesmo nível de proficiência não repetem os erros produzidos na fala dos colegas, o que não ocorre quando falam com colegas em nível mais avançado de proficiência ou com nativos. Por outro lado, aprendizes em nível similar não possuem informação suficiente para ajudar os colegas a corrigirem seus erros. Usadas em combinação com atividades individuais, as atividades em grupo guiadas pelo professor podem, portanto, ter um importante papel na aprendizagem de línguas



estrangeiras, por reduzirem os níveis de ansiedade e encorajarem os aprendizes a falarem na língua-alvo ao sentirem-se em uma atmosfera mais confortável.

Considerando, no entanto, que turmas de PLE no Brasil têm como características marcantes a heterogeneidade e a diversidade cultural (Nóbrega, 2014, p.69), é um desafio para o professor reduzir as animosidades e promover a interação do grupo para criação de uma atmosfera receptiva e calorosa para promoção de um aprendizado coletivo.

Pesquisadores da área de PLE, como Furtuoso (2001) e Mendes (2014), têm observado que aspectos da cultura brasileira são ainda pouco trabalhados em salas de aula e nos materiais que orientam o ensino de PLE, cabendo ao professor conduzir e organizar suas experiências em sala sempre considerando a língua como uma prática cultural.

Descrição da experiência

A atividade foi aplicada com os objetivos de: promover a interação do grupo, ou “quebrar o gelo”, como forma de reduzir os conflitos decorrentes do choque entre culturas, normalmente presentes em turmas de PLE (Mendes, 2014); trabalhar aspectos básicos da língua, como apresentação, cumprimentos, profissões, masculino e feminino, preferências individuais e cultura brasileira; e incentivar a elaboração de perguntas e respostas sobre atividades do cotidiano.

Material:

Considerando os objetivos da atividade e os aspectos culturais nela envolvidos, foram confeccionados cartões, de aproximadamente 5 x 15 cm, com perfis de brasileiros comuns, contendo: imagem, para facilitar o entendimento de vocabulário relativo a profissões; nome; idade; profissão; renda; e preferências individuais, que incluíam *hobby*, comidas e tipos de música preferidos (Figura 1).



Figura 1 – Amostra de cartões (A) utilizados e forma como foram apresentados a alunos (B) de Português como Língua Estrangeira (PLE) em atividade de conversação inspirada em *speed datings*.

Preparação:

Os alunos foram orientados sobre a atividade por meio da apresentação de imagens e de um vídeo sobre *speed dating* disponível no canal YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=HTOZmb-7UOs>).

Em seguida, foram informados quanto às regras:

1. Tempo para cada interação face a face (3 minutos);
2. Troca imediata de pares a cada sinal do professor (palmas);
3. Necessidade de falar e também de ouvir o colega com atenção;
4. Possibilidade de explorar a imaginação e criar perguntas e respostas além das informações contidas no cartão. Na atividade, os cartões serviriam apenas como orientação para desenvolvimento de uma conversa, sendo permitido a cada participante criar perguntas e respostas conforme a criatividade e imaginação.

Os alunos foram solicitados, então, a posicionarem suas carteiras (cadeiras de braço) em duas fileiras, de modo que pudessem ficar frente a frente com seu par, como demonstrado na Figura 2.

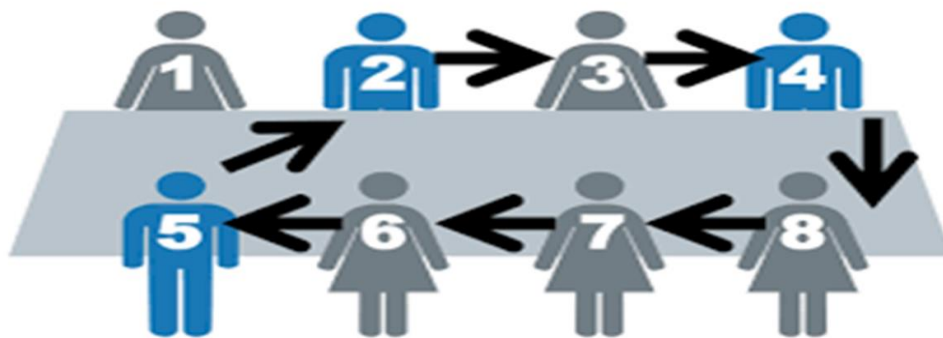


Figura 2 – Demonstração da dinâmica aplicada em atividade de conversação em turmas de Português como Língua Estrangeira inspirada em *speed datings*.

Desenvolvimento:

Os cartões foram apresentados com a face voltada para baixo (Figura 1) para que cada participante escolhesse, às cegas, o seu personagem. O professor deu um minuto para que lessem silenciosamente as informações contidas nos cartões e deu sinal para início da interação. A cada 3 minutos, conforme previsto, foi dado novo sinal para troca de pares.



Durante as interações, o professor manteve-se em movimento, próximo aos participantes, tirando dúvidas e auxiliando com a pronúncia, adequação vocabular, entre outras necessidades dos alunos.

Fechamento da atividade:

Ao fim da rodada, quando todos os participantes já haviam tido a oportunidade de interagir com todos os colegas, o professor expôs no quadro as dúvidas mais frequentes, sanando-as coletivamente. Na sequência, convidou os alunos a, voluntariamente, descreverem os personagens por quem mais se interessaram.

Avaliação dos resultados

Durante a aplicação da atividade, houve expressivo interesse dos alunos em participar, tornando o ambiente de real conversação. Esse resultado pode ser creditado ao uso dos cartões e à forma aleatória de escolha de personagens, que permitiram a cada um dos participantes explorar o imaginário e atuar, assumindo o seu personagem e tornando mais descontraído o ambiente da sala de aula. Durante a interação, o professor foi chamado inúmeras vezes para tirar dúvidas de vocabulário, ajudar na criação de sentenças completas e esclarecer contextos. Então, houve muitas perguntas, como: *O que é “malhar”? E “acampar”? Asa delta, o que é isso? Escalar? Como pergunto sobre “renda”? Está bom falar “quanto é a sua renda” ou “qual sua renda”? “Eu ganho dois mil e quinhentos. Está bom o verbo? É normal perguntar isso no Brasil?*

Como descrito anteriormente, ao final, por ser um grupo ainda em ambientação e com alunos em diversos níveis de proficiência, facultou-se aos participantes a descrição do personagem que mais lhes atraíram a atenção.

Os alunos foram convidados a voluntariamente falar para todos, mas, surpreendentemente, todos quiseram contar quem era sua cara-metade e quais os motivos os fizeram gostar mais desses personagens, o que comprova o sucesso da atividade como motivadora à prática de conversação. Houve, então, descrições bastante interessantes como: *Eu gosto da Fernanda. Ela parece uma pessoa calma e de bem com a vida. Eu sou empresária. Trabalho muito. Acho que ela pode me ajudar a encontrar equilíbrio. / Eu gostei mais do Raul porque ele gosta de cozinhar e eu sou nutricionista e não sei cozinhar, mas ele ganha pouco e eu também, então, acho que pode não dar certo* (relato de um participante do sexo masculino) */ Eu gostei muito do Ricardo porque ele é carteiro e está sempre em forma, mas ele ganha mal e tem muitos filhos, então escolhi Josias, que é bombeiro e me parece bem melhor.* Observe-se que não havia descrição de estado civil ou prole nos cartões.



As informações contidas nos cartões, cuidadosamente planejadas para possibilitar ao professor e aos alunos explorar aspectos da cultura brasileira, permitiram atingir os objetivos propostos, já que motivaram a curiosidade, gerando muitas perguntas, tanto no participante “dono” do cartão quanto no seu interlocutor, permitindo aos alunos esclarecer dúvidas, criar sentenças completas e transcender os diálogos e situações rotineiras de apresentações comuns em início de curso.

Considerações finais

A simulação de um *speed dating* em sala de aula parece ser uma atividade adaptável a outras disciplinas, já que presume como objetivos a interação e a troca de informações por pares em uma comunidade ou grupo com interesses similares.

Considerando o contexto de aplicação da atividade – turmas heterogêneas, com alunos em aclimatação e com uma diversidade sociocultural marcante –, foi possível observar grande êxito na aplicação da atividade, que acabou superando as expectativas, especialmente no desenvolvimento da competência “falar”. E um dos efeitos da atividade foi a redução do distanciamento aluno-colega-professor.

As reações da turma à atividade, com risadas, brincadeiras e tentativa de compreender o outro, tornaram a atmosfera bastante descontraída, o que acabou favorecendo o diálogo em sala. Esse resultado, no contexto de aprendizagem de língua estrangeira, é algo bastante gratificante e motivador para todos os envolvidos no processo.

Os cartões utilizados podem ser criados conforme a imaginação e o propósito da atividade, sendo, portanto, perfeitamente adaptáveis a vários outros conteúdos e disciplinas.

Referências

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Ensino-aprendizagem de português como LE e L2: Fundamentos de abordagem e formação*. In: Fundamentos de abordagem e formação no ensino de PLE e de outras línguas. Campinas: Pontes, p.11-35, 2011.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. What is wrong with a Brazilian accent? *Horizontes de Linguística Aplicada*, v.2. n.1, p.7-21, 2003.

FURTUOSO, Viviane Aparecida Baggio. *Português para falantes de outras línguas: Aspectos da formação do professor*. Dissertação – UEL, Londrina, PR. 2001. 174p.



LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. 1993. *Popular Ideas about Language Learning: Facts and Opinions*. In: How languages are learned. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

MENDES, Edleise. O ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE): desafios, tendências contemporâneas e políticas institucionais. *Horizontes do Saber Filológico*. Editora Universitária Sveti Ohridski. Sófia. 2014.

MENDES, Edleise. *Por que ensinar língua como cultura?* In: SANTOS, Percília. ORTIZ, Maria Luiza. Língua e cultura em contexto de ensino de português para falantes de outras línguas. Campinas-SP: Pontes. 53-57, 2010.

NÓBREGA, Maria Helena. Intercâmbios educacionais e diversidade cultural: implicações para o ensino de Português para Falantes de Outras Línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada – RBLA*, v.14, n.1, p.61-81, 2014.

SANTOS, Carolina. *O que aprendi com o “speed dating”*. 2016. Disponível em <http://observador.pt/2016/01/19/isto-nao-um-manual-speed-dating/> Acessado em 06/07/2017.

SHEM, Douglas. *The history of speed dating*. 2014. Disponível em: <http://datingpriceguide.co.uk/history-of-speeddating/> Acessado em: 07/07/2017.

ZHENG, Ying. Anxiety and second/foreign language learning revisited. *Canadian Journal for New Scholars in Education/Revue canadienne des jeunes chercheurs et chercheurs en éducation – CJNSE/RCJCE*, v.1, n.1, p.2-12, 2008.

